

DOIS PIONEIROS NO MUNDO DA GRAMÁTICA: O MÉDICO ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO E O PROFESSOR FRANCISCO DEQUI

Warley Oliveira Rosa¹

Resumo: Este texto destaca aspectos que reforçam o caráter pioneiro de dois intelectuais: Ernesto Carneiro Ribeiro, do início do século passado, e Francisco Dequi, contemporâneo. Aquele pela publicação da primeira gramática da língua falada e pelos debates com Ruy Barbosa acerca da revisão do primeiro Código Civil Brasileiro. Este por vasta publicação de nomenclatura genérica de Neopedagogia da Gramática que se encontra em debate nacional. Ambos procuraram o “outro caminho” para levar ao real domínio da gramática. Do conflito entre Ruy Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro nasceram os debates conhecidos como a Réplica e a Tréplica. Do atual professor neodidático surgiu a proposição para a modernização do ensino do nosso Português.

Palavras-chave: Ernesto Carneiro Ribeiro. Francisco Dequi. Gramática. Neopedagogia da Gramática.

Abstract: *TWO PIONEERS IN THE GRAMMAR OF THE WORLD: THE ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO MEDICAL AND TEACHER FRANCISCO DEQUI. This article emphasizes aspects that reinforce the pioneering character of two intellectuals: Ernesto Carneiro Ribeiro, early last century, and Francisco Dequi, contemporary. The first publication of the first grammar of the spoken language and the discussions with Ruy Barbosa about the review of the first Civil Code. The last for the vast publishing generic nomination “Neopedagogia da Gramática” which is in large national debate. Both sought the “other way” to lead to real command of grammar. Of the conflict between Ruy Barbosa and Ernesto Carneiro Ribeiro were born debates known as the “Réplica” and the “Tréplica”. From the current Teacher Neodidactic came the proposition to modernize the teaching of our Portuguese.*

Keywords: *Ernesto Carneiro Ribeiro. Francisco Dequi. Grammar. Neopedagogy of Grammar.*

No exame dos estudiosos da Língua Portuguesa no Brasil, avultam – *primus inter pares* – os nomes do médico e professor Ernesto Carneiro Ribeiro², revisor do primeiro Código Civil do Brasil, e do professor Francisco Dequi, Diretor da Faculdade de Tecnologia IPUC e idealizador da Neopedagogia, novo caminho para o estudo da Última Flor do Lácio, como Olavo Bilac chamou o nosso idioma. A afirmação é feita com base no fato de que, realmente, eles foram precursores na publicação de obras no

¹ Graduado em Letras e em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e em Neopedagogia da Gramática pela Faculdade de Tecnologia IPUC – FATIPUC.

² Ernesto Carneiro Ribeiro, ex-professor de Ruy Barbosa, de Euclides da Cunha e de Castro Alves, e o professor Francisco Dequi fazem parte da galeria dos pioneiros com teses inovadoras na Gramática do Brasil.

campo de gramática, as quais foram feitas pela primeira vez, porquanto não foram copiadas de nenhum modelo.

Afrodescendente, Ernesto Carneiro Ribeiro nasceu em Itaparica, a mesma cidade de Maria Felipa de Oliveira, a Heroína Negra da Guerra da Independência, no dia 12 de setembro de 1839 e deixou o planeta Terra no dia 13 de novembro de 1920. O médico dedicado que ele era recebeu o título de Barão de Vila Nova como reconhecimento pelas pesquisas feitas na área da Biomedicina. Ele passaria a figurar nos anais da História do Brasil pela polêmica que manteve com Ruy Barbosa, seu ex-aluno, acerca da revisão do Código Civil Brasileiro, cujos debates fizeram surgir a Réplica e a Tréplica de dois profundos conhecedores do Português.

Ernesto Carneiro Ribeiro, além de ser um dedicadíssimo profissional da área da saúde, marcou presença como professor e linguista. Ele deixou seu nome registrado pelo videoteipe do tempo como o pioneiro no Brasil pela publicação de uma gramática constituída em função da língua falada. Ele teve o mérito de destacar aspectos da Língua Portuguesa que não eram percebidos pelos gramáticos. É aqui, no pormenor de dar ênfase àquilo que não era detectado por aqueles que se dedicavam a estudos gramaticais, que podemos ver mais um elo entre Carneiro Ribeiro e Francisco Dequi.

O professor Francisco Dequi, idealizador e mentor da Neopedagogia da Gramática, também teve a inspiração de solidificar a sua tese numa base sólida semelhante à de Ernesto Carneiro Ribeiro, pois o objetivo da Neopedagogia é “levar a perceber”. E assim, de uma maneira muito suave e muito natural, o professor Dequi está revolucionando o estudo das normas do bem falar e do bem escrever ao mostrar um caminho diferente com fatos concretos como a Acentuação Objetiva (todas as regras se reduzem a uma só), o sinal de crase também entra em cena com apenas uma macronorma e com mais 16 teses que já foram apresentadas a estudiosos do nosso idioma em Paris e em Cabo Verde.

É possível concluir, portanto, que o médico Ernesto Carneiro Ribeiro com a obra *Serões Gramaticais* e o professor Francisco Dequi com a *Neopedagogia da Gramática* preenchem os requisitos para serem chamados de filólogos, porquanto realizaram estudos profundos sobre a língua e a cultura do nosso povo. Carneiro Ribeiro era médico e professor, e Francisco Dequi é professor e “médico” por haver encontrado um medicamento contra a dor de cabeça para quem estuda a Língua Portuguesa.

Análise dos fundamentos da obra

Antes de adentrar nas teses do professor Francisco Dequi, é interessante destacar os objetivos e os fundamentos da proposta neopedagógica da gramática. O autor, ao mesmo tempo em que propõe uma didática visualizada, racional e objetiva para levar ao domínio das regras naturais da gramática viva, traz à tona as normas cristalinas que dormem nas profundidades e que mostram a estrutura e o funcionamento dos nossos textos normais.

O autor da Neopedagogia propôs-se a buscar novos processos que levem a redigir com clareza e interpretar com precisão os textos bem escritos. Assim, visou a uma neodidática e, ao propô-la, deparou muitas incoerências gramaticais sendo ensinadas, inclusive com nomenclaturas sem nexos com os fatos gramaticais comuns. Acredita Dequi que o bom ensino começa por uma nomenclatura clara e racional.

Portanto, a Neopedagogia da Gramática se preocupa com o processo de ensinar de forma objetiva, busca as razões das regras gramaticais, ilumina a classificação e o funcionamento das categorias das palavras e, para isso, ajusta as nomenclaturas incoerentes. Tudo é apresentado baseado nos binômios reais que estruturam a gramática viva da nossa língua: nome e verbo /determinante e determinado. É a Neopedagogia da Gramática. Alguns enfoques podem chocar pelo ineditismo, mas são racionais e extremamente úteis para um ensino racional e eficiente, tão reclamado pelos estudiosos brasileiros. Essa tendência revolucionária do professor Dequi de apresentar um ensino modernizado é que justifica a comparação com o médico Ernesto Carneiro Ribeiro. As sínteses a seguir mostram essas propostas revolucionárias de Francisco Dequi.

1 Nome / Verbo

Indo aos pontos básicos da gramática viva sempre presente nos textos depara-se a inquestionável liderança do binômio NOME / VERBO. Lamenta-se que os gramáticos e os linguistas não tenham percebido serem essas palavras os eternos núcleos de sintagmas. A linguagem dos sintagmas mostra, com nitidez, esse fato

onipresente. E mais, essa realidade incontestável serve de base para sugerir uma nomenclatura mais coerente e mais pedagógica.

Um opúsculo intitulado *Gênese da Língua e da Gramática* de autoria do prof. Francisco Dequi (1975), num enfoque imaginário com intuítos pedagógicos, mostra o surgimento da linguagem humana a partir desse binômio fundamental: nome / verbo. Mais tarde, o autor publica a *SINTAGRAMÁTICA B*, que naturalmente inicia suas lições baseadas nesses núcleos básicos fundamentais da linguagem humana. Em 2003, o célebre gramático Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras, publica sua obra *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, colocando nas primeiras páginas o binômio NOME / VERBO, imitando o autor neopedagógico, que assim iniciava seus compêndios gramaticais.

2 Determinante e determinando

Já na *Carta Magna da Língua Portuguesa* lançada em 1976, o prof. Dequi, alertou: “Texto é uma tessitura de determinantes e determinados.” Determinante é termo que diz, ou que complementa, ou que circunstancia ou que caracteriza outro termo, normalmente um nome ou um verbo. O docente que utiliza os sintagramas com seta ensinará sempre: “na ponta da seta-sintagrama está o determinado, e, na extremidade cega, está o determinante.” Esse enfoque parece estar tão claro e tão acessível para qualquer estudioso moderno. Ele ajuda muito na análise sintática útil e na interpretação objetiva dos textos bem redigidos.

3 Fórmula da oração

A “fórmula da oração normal” constitui um instrumento-base para qualquer aula de Português. Ela mostra a colocação normal dos determinantes e determinados sem afirmar que todos os termos devam ter a colocação da fórmula da oração. Ela serve de base para o estudante ter uma orientação sintática inicial, ainda que apenas para apoio mental. Trata-se de um parâmetro pedagógico importante para quem deseja perceber a ordem normal dos termos. Esse formato provisório serve também para fazer um estudo comparativo com outras línguas. Normalmente possui esta sequência: nome |

+ verbo² + nome³ + nome⁴. O da direita determina o da esquerda. Qualquer desses nomes pode ser determinado por um adnome ou por um complemento nominal, ambos identificados com o código 5. A fórmula apresentada sempre será um instrumento provisório e imaginário, mas ajuda muito na exposição da nossa sintaxe e na interpretação objetiva de textos.

Além da demonstração por meio dos sintagramas, a neopedagogia sugere ainda a utilização do código numérico para identificar as funções sintáticas. Em qualquer texto, o aluno é instigado a identificar o verbo com o código 2, o nome-sujeito, com o 1, o complemento verbal ou o predicativo com o 3, qualquer advérbio com 4, os adnomes ou complementos verbais com o 5. Assim, ao aplicar os sintagramas ou os códigos numéricos nos textos, o discente é instigado a realizar o reconhecimento de todos os termos da oração. Uma consulta sobre “A linguagem dos sintagramas e do código numérico” existente em todas as obras do prof. Dequi pode levar ao fácil domínio dessa linguagem.

4 Gráficos sintagmáticos

Por pura anglofilia reinante em nossos tempos, os jovens estudantes do IPUC passaram a intitular de “software sintagmático” ao que inicialmente o autor chamou de “gráficos sintagmáticos”. E não deu outra: a expressão “software” pegou e reina até hoje. Alertamos que o “software” é um programa autoexecutável, o que não se configura na aplicação dos gráficos sintagmáticos. Entretanto, há estudiosos que veem metáfora no uso da palavra “software”, por isso não vemos qualquer impropriedade na utilização dessa denominação anglicana.

5 Pronominação e renominação

Eis aí mais dois termos inovadores que traduzem uma realidade no processo de retomar nomes ou de traduzir pronomes, dentro do jogo normal de substituir palavras no interior de textos, não por sinonímia, mas por representação. Assim, na fórmula da oração, um nome pode ser representado por um pronome e, na interpretação objetiva, um pronome pode necessitar que se diga qual nome ele estaria representando. Essa

técnica de pronominar ou renominar uma posição nominal da fórmula da oração é muito comum na busca da real mensagem de uma expressão. Na obra *Interpretação Objetiva*, podemos encontrar explicações com exemplário claro sobre esta matéria.

6 Verbo diagramado

A criação do instrumento pedagógico denominado pelo professor Francisco Dequi de “Diagrama”, segundo alguns docentes, mereceria ser premiada pela sua riqueza de informações que ela transmite ou pode transmitir. Sendo o verbo a palavra mais ativa de uma língua, fez jus a uma obra separada com 220 páginas. Trabalha em cima de um gráfico único, rico em detalhes que servem para estudar, até cientificamente qualquer verbo, seja ele regular ou irregular. O diagrama se divide em três quadros e doze blocos modo-temporais. Estes se compõem de 24 quadrículos em que se encaixam os morfemas que compõem a forma verbal podendo destacar a determinância interna dos morfemas.

A neopedagogia do verbo com o apoio do diagrama e adotando intensamente o lema “levar a perceber”, descobriu algo inédito em verbos usadíssimos e expôs essa particularidade em forma de tese assim expressa: *“Na Língua Portuguesa, há verbos usadíssimos que, no segundo quadro do diagrama, trocam de vogal temática e passam para outra conjugação: da 1ª para a 2ª ou da 3ª para a 2ª ou ainda, da 2ª para a terceira”*.

Como se trata de algo nunca observado por qualquer pesquisador, nesta rápida análise das obras do prof. Dequi, vou apenas mencionar este aspecto curioso, e convido os gramáticos para analisar e constatar esse fato nunca registrado nos compêndios escolares: verbos que trocam de conjugação.

7 Quadriformia dos determinantes

A importância e a inovação deste enfoque são inquestionáveis, pois, além de inovador, é simplificador. Os determinantes podem preencher uma posição da fórmula da oração com uma das quatro formas: forma de palavra, forma de grupo nominal, forma de oração reduzida ou forma desenvolvida. Essa estratégia unifica e reduz pela

metade o dispêndio de tempo e empenho para dominar a tradicional análise sintática interna e a análise sintática externa. O lema “levar a perceber” entra em ação com clareza. Na interpretação, o raciocínio fica uno e simples. Assim, por exemplo, o objeto direto de CONSTATOU em

Paulo constatou falhas.

Paulo constatou algumas falhas graves.

Paulo constatou haver falhas graves.

Paulo constatou que havia falhas graves.

os termos sublinhados são complementos verbais apreicionados, ou seja, determinantes em forma de palavra, grupo nominal, oração reduzida e oração desenvolvida. Todos ocupam a posição 3 da fórmula da oração estruturada com o verbo “constatou”.

Este capítulo, sem dúvida, mostra o outro caminho para analisar a estrutura e o funcionamento dos nossos textos e insere-se no paralelo que fiz ao comparar Ernesto Carneiro Ribeiro com o professor Francisco Dequi.

8 Introdutores de determinantes

Outro capítulo inovador, unificador e, ao mesmo tempo, simplificador é o que versa sobre introdutores de determinantes. O professor Dequi engloba os quatro tipos de introdutores num único capítulo. Tal unificação torna-se interessante porque viabiliza comparações e a identificação do papel de cada tipo. A preposição pode introduzir determinantes em forma de palavra, grupo nominal e oração reduzida. Pode também introduzir determinantes em forma de oração desenvolvida, mas, neste caso, terá que coexistir com outro introdutor (pronomes relativos ou conjunções integrantes). Para os casos de determinantes que não utilizam introdutores, como o objeto direto e o predicativo, o autor utiliza a expressão “determinantes com introdutor zero”.

9 Nexos coordenativos

A linguagem dos sintagmas não falha. Ela mostra que, na junção de palavras, grupos nominais, orações reduzidas e orações desenvolvidas, entre as peças aditivas e alternativas, não existe relacionamento de determinante e determinado. Entre elas, não há subordinação, mas uma junção independente. Prof. Dequi arrola argumentos que não deixam dúvida sobre o conceito de subordinação e coordenação. Essa independência figura claramente apenas nas aditivas e alternativas. O autor mostra que as orações conclusivas, comparativas e explicativas exibem dependência, por isso, devem estas ser colocadas no rol das subordinadas.

Ao ler o exemplário apresentado e ilustrado com sintagmas, verifica-se o acerto da tese. Está aí mais uma similitude de tratamento dos dois desbravadores mencionados na parte introdutória desta resenha: o médico Ernesto Carneiro Ribeiro e o professor Francisco Dequi.

10 Crase pela Neopedagogia

Onde há uma crase marcada, ali começa um determinante. Assim, essa crase sempre será introdutora de determinante. Saiba-se, entretanto, que o real introdutor sempre será a preposição “A” – imprescindível na formação dessa aglutinação.

A neopedagogia da crase adota permanentemente o lema didático do “levar a perceber”. Dequi recomenda que não se decorarem as inúmeras regras oferecidas pela gramática tradicional, mas que se busque perceber se existem ou não existem os dois “ás”: o a1 (preposição) + o a2 (pronome ou inicial de pronome). Constatada a presença dos dois “ÁS” fundem-se num único A ou AS e marca-se À ou ÀS, ou ainda, Àquel -. O autor dispõe de um DVD dinâmico que visualiza nitidamente essa fusão, mostrando a fusão dos dois ÁS.

A preposição A (o a1) sempre será fruto de regência de uma palavra a ser complementada, ou será mero introdutor de um advérbio de lugar, de modo ou de tempo com formato de um grupo nominal.

Como fez em todos os seus trabalhos gramaticais, prof. Dequi vai à base do tema e busca a razão da macronorma única que fundamenta esse fato sintático. Procura simplificar e jamais multiplicar regras.

11 Identificadores sintáticos

Para a gramática dos determinantes e determinados vincular palavras, grupos nominais e orações, mostrar o relacionamento claro de um com o outro para formar textos e expressar significados constituem propriedades inatas na construção de textos. Dominar essas regras naturais tem suma importância. Reconhecer os três identificadores que levam a perceber os vínculos entre essas peças, no ato de redigir ou interpretar, é fundamental. Basicamente, são recursos sintáticos que identificam os polos determinante e determinado – vínculos sempre presentes na estrutura e funcionamento dos textos.

A concordância mostra qual nome é alvo do determinante flexível; a regência preposicionada ou apreposicionada identifica qual palavra impõe o introdutor definido ou o introdutor zero; a colocação deixa claro que o termo do lado direito, normalmente, determina o do lado esquerdo. Trata-se de normas natas que assim funcionam na estruturação dos nossos textos. Ninguém as inventou e as impôs.

Tradicionalmente, esses conteúdos são ensinados sem destacar sua finalidade identificadora dos polos determinante e determinado. Decora-se sem saber para que servem essas regras. Essa lacuna dificulta a compreensão e utilização correta da verdadeira sintaxe dos textos.

Ao expor quatro tipos de concordância, estaria o prof. Dequi inventando e tornando mais complexo o ensino gramatical? É claro que não. Esses fatos existem e estão em pleno funcionamento em todas as línguas neolatinas. A concordância verbal, em todas elas, é a que figura entre o verbo (determinante máximo dentro de uma oração) com o seu nome 1 (determinado máximo). A concordância adnominal (ou adjetival) é a que adnome nato efetua com o seu nome. A concordância pronominal é a existente entre o nome representado pelo pronome, seu representante. A concordância nominal é feita pelo nome com o ser nomeado. Simples! Cada tipo de concordância com o seu papel bem definido. Compreensão facilitada pela adoção de uma nomenclatura autoexplícita e coerente.

No ato de redigir ou interpretar, o domínio das quatro concordâncias ajuda a acertar a redação e a captar a mensagem precisa. Trata-se de enfoque inovador muito útil oferecido pelo neodidata prof. Dequi.

12 Nome não concorda com nome

Outro fato sintático corriqueiro, nunca mencionado pelos gramáticos e linguistas é a altivez do nome de não se dobrar para concordar com outro nome. Sabe-se que o nome é flexível, sabe-se que os determinantes verbo e adnome são concordantes natos com o nome por eles determinado, sabe-se que, na feitura de textos, muitos nomes determinam outro. No entanto, uma regra viva está ultrapassando séculos e pode ser expressa segundo a tese do prof. Dequi: ***“Nome, mesmo sendo flexível e determinante de outro nome, jamais efetua concordância entre si, ou seja, nome não concorda com nome.”***

Em textos da Sintagramática e da própria Carta Magna da Língua Portuguesa, vemos também a importante ressalva: **“Se ali concordância houver, trata-se de mera coincidência de gênero e número, pois cada nome envolvido pode estar efetuando a sua concordância nominal com o ser que nomeia, e esses seres podem ser do mesmo gênero e do mesmo número, dando a impressão de que, nesses casos, haveria concordância.”**

A tese do prof. Dequi da “inconcordância do nome com nome” foi copiada pelo sábio gramático integrante da Academia Brasileira de Letras, Evanildo Bechara que escamoteou dando redação pessoal. Mas no confronto com os textos de inúmeras edições de suas gramáticas anteriores, não consegue esconder sua cópia ideológica, sem mencionar a fonte.

O domínio dessa tese de nome não concorda com nome, facilita imensamente o estudo da concordância, pois pode reduzir em 80% o número das regras sobre essa matéria. As demonstrações nas obras do professor Dequi são abundantes e convincentes. São normas simples buscadas na profundidade da gramática natural vigente. Elas facilitam muito o domínio seguro da concordância. Trata-se de um remédio importante que tira a dor de cabeça dos aunos, como foi mencionado na parte introdutória desta resenha.

13 Pronome relativo e seu papel bivalente

O pronome relativo é um dos introdutores de determinantes já mencionados em exposição anterior. Resumidamente, podemos dizer que, como pronome, representa e retoma um nome precedente específico. É o que etimologicamente, significa a palavra “pronome” (no lugar do nome). O adnome relativo “cujo” é igualmente um introdutor de oração determinante de um nome. É um verdadeiro adjetivo “relativo” que funciona como introdutor de oração, pois efetivamente encabeça a oração adjetiva, “adnominal” como diz a neopedagogia.

Assim, o pronome relativo é bivalente: representa e introduz. Essa ideia foi copiada pelo eminente professor Evnildo Bechara, autor de inúmeras gramáticas, atualmente um dos membros da Academia Brasileira de Letras. Antes das publicações das obras do professor Francisco Dequi, Evanildo jamais destacava a bivalência desse pronome introdutor de oração adnominal. Após as obras neopedagógicas, Bechara aderiu a essa bivalência.

É interessante destacar que o estudo e domínio do pronome relativo desempenha papel importantíssimo na redação de textos claros e corretos. Prof. Dequi, em sua neopedagogia do pronome relativo, enfatiza e exercita muito o uso adequado desse introdutor bivalente.

14 Taxionomia das palavras

É impressionante observar o acerto da constatação do prof. Francisco Dequi quando assegura que a “gramática tradicional foi feita para ser decorada e não para ser entendida”. A nomenclatura gramatical não condiz com taxionomia das palavras e com os fatos que pretende classificar. As incoerências nomenclaturais e classificatórias ocorrem principalmente porque não se adota o critério sintático para dar a categoria exata e intratextual das palavras. O próprio Evanildo Bechara tentou atacar o critério adotado por Dequi e não se saiu bem. Equivocadamente, diz o grande gramático: “Uma palavra pode ser sujeito porque é substantivo, não será substantivo porque é sujeito”.

A fórmula da oração é base para entender a tese do autor da neopedagogia. Assegura: **“A fundamentação sintática é o único método lógico e seguro para a taxionomia das palavras da língua portuguesa”.**

Os exemplários constantes nas obras do professor Dequi deixam clara e segura a classificação das palavras pelo critério sintático. Os dicionários propiciam a classificação nata da palavra que poderá ser provisória enquanto estiver fora do texto. Vejam-se alguns casos:

Bastou um severo **não** para silenciar a turma. O **aqui** e o **agora** são importantes para evidenciar os fatos. Um **a** mal escrito tornou confuso o texto. Portanto, a tese do prof. Dequi está corretíssima e Bechara não tem razão ao atacá-la.

15 A oração subjetiva jamais será subordinada

A gramática tradicional ensina que a oração subjetiva é SUBORDINADA. Entretanto, com a utilização da linguagem dos sintagramas e da fórmula da oração, verificou-se, com segurança, que essa oração, ocupante da posição 1, jamais será subordinada, pois ela é subordinante e, em sendo assim, será determinada pelo seu verbo 2. Essa é a lógica incontestável, não porque alguém disse e impôs, mas porque é assim que funciona naturalmente.

Indagam alguns pesquisadores: como não será subordinada uma oração encabeçada pela conjunção subordinativa “QUE”? Ora, quem subordina ou insubordina uma oração não é esse monossílabo, é a função que essa oração exerce no texto. Ao ocupar a posição 1, confirma-se a sua insubordinação, sendo determinada por um verbo externo. Ao substituir essa oração pelo pronome ISSO, fica nítida a sua classificação.

Ao aplicar o sintagrama essencial que nasce do verbo externo e incide sobre a oração 1, ou sobre o isso 1, a ponta da seta cai nessa oração ou no ISSO, seu representante, o que mostra, com clareza, que é o verbo que se subordina ao termo 1 (sujeito). Esse termo 1 pode ser palavra, grupo nominal, oração reduzida ou oração desenvolvida. A própria concordância verbal confirma a subordinação do verbo ao subordinante que está na posição 1 em qualquer uma das quatro formas.

Um docente estudioso de Minas Gerais, ao passar a analisar esse fato sintático com o binômio determinante e determinado, ferramenta utilizada pelo prof. Dequi, chegou à mesma conclusão e a defende com convicção.

16 Oração com verbo mentalizado

Prof. Francisco Dequi defende a tese: “Não existem frases simplesmente nominais, existem orações com verbo mentalizado”. Utilizando vasto exemplário, o autor mostra com nitidez esse fato gramatical. Não poderia ser diferente, pois é o verbo que DIZ. “O nome É, o verbo DIZ.”, sintetiza o autor da neopedagogia. Se o verbo de uma sentença não figurar fisicamente num texto, deve-se percebê-lo mentalmente. Do contrário, nada se diz. Assim, a dita frase simplesmente nominal não existe. Ela é oração com verbo mentalizado.

17 Pontuação elucidada com sintagramas

O domínio da sintaxe propicia segurança na pontuação de textos. A linguagem dos sintagramas facilita muito na compreensão desta importante matéria. A neopedagogia da pontuação utiliza a visualização das regras naturais para mostrar a lógica da sintaxe e da consequente pontuação correta que deixa clara a compreensão dos textos. Por isso, para captar bem a estratégia de pontuar, incluindo a virgulação, aconselha-se que se estude pelas mídias neopedagógicas disponibilizadas pelo autor.

18 Sintaxe endovocabular

Também na criação de palavras derivadas, utiliza-se o binômio “determinante e determinado”. Tal determinância ocorre no interior da palavra derivada. Daí, “sintaxe endovocabular”. O radical das palavras cognatas funciona como determinado e os afixos (prefixo e sufixo) desempenham o papel de determinante. Assim, a tese genérica do prof. Francisco Dequi se completa e confirma que **“A gramática viva da Língua Portuguesa pode ser estruturada e ensinada tendo como base os binômios NOME / VERBO e DETERMINANTE / DETERMINADO.”**

Parece incrível, mas a fórmula da oração é também utilizada no estudo da sintaxe endovocabular. Um gráfico constante na página 286 da tese genérica do autor mostra essa propriedade dos sufixos de se enquadrar na fórmula básica da oração normal.

A determinância dos morfemas derivadores de novas palavras pode, igualmente, ser mostrada por sintagma. Neste caso, a neopedagogia utiliza o sintagma simples, apenas para indicar os morfemas determinante e determinado.

Essa possibilidade de existir sintaxe endovocabular é algo real e constatável, nunca publicado desta forma por qualquer gramático ou linguista. Tal fato justifica o título de desbravadores atribuído à dupla de pesquisadores doutor Ernesto Carneiro Ribeiro e professor Francisco Dequi.

19 Acentuação objetiva – regra única

Sobre este tema que vem impressionando os estudiosos da nossa língua, quer pela sua coerência, quer pela sua real utilidade e objetividade, já publiquei um artigo resumido no veículo *Jornal Conceito Saúde*, Nº 10, da Editora Conceito, com o título “Estão judiando dos estudantes – Neopedagogia da Acentuação vem para ajudá-los”. Transcrevo a seguir para que o leitor possa ter uma ideia da lógica e do ineditismo da descoberta do prof. Dequi.

A gramática tradicional ensina a acentuação gráfica por meio de uma técnica feita para a matéria ser decorada. Esse sistema ultrapassado, na realidade, não informa o porquê do acento gráfico. Dizer que “dominó” leva acento porque é oxítona terminada em “ó” não é o suficiente para as pessoas racionais e inteligentes. A neopedagogia do prof. Francisco Dequi da FATIPUC leva a perceber que, sem acento gráfico, ler-se-ia “domino” e que o acento gráfico tem a função de deslocar a tonicidade criando outra palavra.

Assim, a neopedagogia expõe as três regras da tonicidade natural de todas as palavras sem acento gráfico – algo importante nunca ensinado – e, depois, justifica o acento gráfico oficial com uma única regra. Isso é extraordinário para o domínio da tonicidade natural das nossas palavras e para a explicação da própria acentuação gráfica oficial. Este processo neopedagógico de acentuar possibilita “ler corretamente o que está escrito e escrever corretamente o que se ouviu”. Diante dessa neopedagogia do prof. Dequi, pergunta-se: por que judiar tanto do nosso estudante com um ensino complexo feito para ser decorado sem entendê-lo? Com a palavra o MEC.

20 Fonética simplificada

Prof. Francisco Dequi, na sua longa experiência na docência da Língua Portuguesa, percebeu que, no ensino fundamental e médio, ninguém mais ensina

fonética. Os professores fogem dela porque realmente ela é complexa, sobrecarregada de muitos itens para analisar as vogais, e outros tantos para caracterizar as consoantes.

Com o intuito de simplificar o ensino da fonética, o neopedagogo apresenta um projeto que se limita ao essencial para distinguir e individualizar todos os fonemas. Deixa as minúcias da análise dos nossos fonemas para o ensino superior. Propõe lições singelas e práticas para o ensino fundamental e médio, sem nunca abandonar o lema prático do “levar a perceber”. Diversos vídeos mostram como se torna agradável ensinar fonética “mostrando”. Até crianças gostam e passam a dar aula por esse método. Fora dessa simplificação, ninguém quer ensinar ou estudar fonética.

As lições começam pelo reconhecimento do aparelho fonador. Estabelecem-se os pontos ou as zonas em que se formatam os fonemas. Para simplificar, adota, quando possível, os mesmos itens caracterizadores tanto para as vogais como para as consoantes. As nomenclaturas, tanto quanto possível, podem ser as mesmas ou similares – tudo em nome da simplificação e racionalidade.

A tese fundamental do prof. Dequi, neste capítulo, é sustentar que, com apenas dois ou três itens, torna-se possível individualizar todos os fonemas da pronúncia nacional. Isso é simplificação. O simples é retido pelos alunos. O complexo cansa e desanima, assim, nada acrescenta no saber do discente.

Conclusão

Como um entusiasta da Neopedagogia da Gramática, fiz esta resenha para desfazer as dúvidas reais, ou implantadas, ou ainda oriundas de preconceitos criados pelos inimigos da gramática, ou das teorias linguísticas.

Quero destacar que prof. Dequi não cria regras gramaticais, mas busca as naturais em pleno vigor na estrutura profunda da língua e as traz para a superfície. Elas são básicas e simples. E mais, ajudam muito a entender os mecanismos vivos da nossa gramática natural. Senão vejamos:

- propõe um ensino fonético sucinto;
- busca o objetivo do acento gráfico e percebe que, com apenas uma regra, consegue justificar os diacríticos necessários;

- mostra que o binômio nome e verbo constitui os pilares básicos da língua e, em cima dessa dupla fundamental, estrutura o ensino lógico de uma gramática útil e objetiva;

- para ensinar a sua neogramática, utiliza a nomenclatura oficial e, algumas vezes, por necessidade de corrigir as incoerências existentes, adota nomenclatura inovada e clara, mas sempre dentro de uma lógica impressionante;

- utiliza um sistema reduzido e simples de símbolos que auxiliam extremamente na compreensão dos fatos gramaticais. Chama-os de “sintagramas”;

- o verbo, a palavra mais ativa da língua, é apresentado e estudado através de um diagrama que serve para mostrar cientificamente a estrutura e o funcionamento dessa palavra fundamental em qualquer texto;

- simplifica o domínio da concordância mostrando que o nome é o seu único comandante;

- adota a quadrimorfia dos determinantes, o que facilita muito o domínio globalizado desse importante capítulo de análise sintática interna e a externa;

- destaca o uso correto e a finalidade de cada tipo de introdutor de determinante;

Enfim, propõe um ensino gramatical extremamente objetivo e útil que leva a dominar a nossa gramática natural para escrever claro e interpretar com objetividade os textos bem escritos.

Referências

DEQUI, F. *Neopedagogia da gramática: 18 teses surpreendentes*. 2. ed. Canoas: Centro de Estudos Sintagramaticais, 2011.

_____. *Carta Magna da Língua Portuguesa*. 5. ed. Canoas: Faculdade de Tecnologia IPUC – FATIPUC, 2011.

_____. *Sintagramática – Identificação dos determinantes e determinados*. 5. ed. Canoas: EDIPUC, 2001.

_____. *Sintagramática*. 7. ed. Canoas: IPUC, 2008.

RIBEIRO, E. C. *Serões Gramaticais*. 3. ed. Salvador: Livraria Catilina, 1919. [1. ed. de 1890]

_____. *A Redação do Projeto do Código Civil e a Réplica de Dr. Ruy Barbosa: Tréplica*. 4. ed., De acordo com a 1. ed., Deraldo Ignácio de Sousa. Salvador: Aguiar & Souza, 1950.